

Instituições regionais defendem crédito com taxa fixa para o Brasil

por Willian Salazar
de São Paulo

Dar ao Brasil prazos mais longos de amortização e carência, cobrar, se possível, taxas de juros fixas em vez de flutuantes e até mesmo "spreads" negativos — resumindo, desenhar um novo perfil para a renegociação da dívida brasileira — é uma política que vários bancos regionais americanos consideram "inteligente". Porém ela se choca com a política das principais instituições americanas — os chamados "money center banks".

Não existe um consenso entre os chamados bancos regionais, muito embora exista um claro conflito de interesses entre estas instituições e os maiores bancos de Nova York, Chicago, San Francisco e Los Angeles.

"Nem todos os regionais aceitam taxas de juros fixas, porque a aceitação dessa medida é determinada pela estrutura de captação de fundos de cada banco", explica o representante de um instituição influente do Sudoeste. A fonte acrescenta que, por outro lado, "muitos regionais admitem que 'espichar' os prazos é melhor do que perder o dinheiro investido no Brasil".

"O que o Brasil precisa é, realmente, de uma folga longa para 'respirar'", enfatiza o representante de um grande banco regional da Costa Leste, que defende ativamente uma renegociação com prazos mais longos e juros mais baixos e, se possível, a taxas fixas. Porque "os bancos regio-

nais têm menos a perder com taxas fixas do que os grandes bancos". Seu cálculo é que, com taxas de juros de 6 - 7%, teriam de absorver perdas de 30% na rentabilidade de seus balanços.

O raciocínio dos bancos que defendem uma renegociação diferente da que vem sendo feita até agora assenta-se na perspectiva de o Brasil ter de recorrer, de forma intermitente, a novos financiamentos dos bancos comerciais para equilibrar seu balanço de pagamentos. Tal raciocínio, por sua vez, vem da "esperança" dos grandes bancos americanos, que aparentemente apostam numa recuperação da economia mundial, a qual levaria todas as instituições internacionais a voltar a financiar os déficits do balanço de pagamentos do Brasil, como vinha acontecendo até meados de 82.

"A idéia dos 'money center banks' é que, com a recuperação, os regionais voltarão a atuar no mercado de empréstimos soberanos como nos anos 70; que o problema, hoje, é apenas de liquidez", acentua o representante de um banco muito tradicional da Costa Leste.

"O mercado de um Citibank é o mundo. O nosso é um dos Estados americanos. Os 'money center banks' têm uma perspectiva muito diferente da dos regionais. O grande banco tem mais capacidade para absorver perdas e, ao mesmo tempo, de assumir maiores riscos", completa o banqueiro regional.